

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: _____

Data: *16.08.83*

Pg.: _____

Armadilha para índios

190

Luiz Carlos Lisboa

“Os índios brasileiros são muito diferentes daqueles que aparecem nos livros de antropologia” — diz o sertanista Orlando Villas Boas. “Discordamos do Mário Juruna quando ele afirma que os índios podem dirigir seu próprio destino. Somos contrários à chamada emancipação dos índios, e o índio que procuramos defender é aquele tribalizado dentro da mata, sem nenhum conhecimento do mundo branco.”

Uma briga que durou duas horas e terminou com a intervenção de 20 policiais levou ao cancelamento das eleições para a escolha do novo cacique e de 15 conselheiros dos quatro mil índios caiaú, terena e guarani que vivem na reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Dois índios tentaram agredir um político, e 500 silvícolas deixaram-se envolver na briga.

Se é possível entender que reagimos em função de condicionamentos, “idéias prontas” e conclusões acabadas, fica mais fácil saber por que a idéia do índio “dono do próprio destino” esconde tantos enganos e ilusões. Os jornais e as revistas brasileiros contam, melhor que os livros e os registros parlamentares, o drama do nosso índio no contato com a civilização branca européia. Nos tempos de Rondon a questão ainda parecia simples, tendo sido a bênção da bondade inspirada do velho militar (e não conhecimento sobre a matéria) que abrandou o choque do encontro daquelas culturas tão diferentes. Novos conceitos em antropologia chegaram aonde a intuição havia acampado muito antes, concluindo pela inevitabilidade do conflito, no encontro entre índios e caucasianos “civilizados”, com as piores consequências para a cultura menos complexa (mas nem por isso pior ou mais “atrasada”). As estradas, as hidrelétricas, a povoação das fronteiras a oeste produziram efeitos devastadores no universo indígena brasileiro.

O contato é fatal para os donos primitivos da terra, uma vez que a técnica branca é sedutora, e traz consigo a inquietação, a cobiça e a ansiedade. O índio está desarmado para enfrentar esse adversário. Em pouco tempo, o caçador vigoroso, o guerreiro altivo, a cunhá agilíssima são reduzidos à condição de pobres biscateiros, transformados em alcoólatras ou prostitutas, decaídos na escala humana até seu grau mais baixo — não importa a proteção que mereçam das autoridades especializadas. A vida nas reservas indígenas é uma contrafação da vida na tribo ainda não tocada pelo branco. O índio, cujo único contato com outra cultura é o encontro ocasional com um avião no céu de sua floresta, é um ser absolutamente diferente daquele que cobre o corpo com panos, conhece espelhos, facões e aguardente. Este foi degradado à condição de imitador, de copiador desajeitado dos valores predominantes do mundo branco.

A grande meta dos órgãos públicos encarregados do contato com o índio no Brasil foi sempre a amoldagem do silvícola às nossas características, em cópias tanto mais servis quanto caricaturais. O índio-deputado que foi levado ao Legislativo nas últimas eleições está lutando, na verdade, pelo ajustamento mal copiado do indígena ao seu “colonizador”. Na luta por direitos que pensa estar empreendendo, está de fato prestigiando o paletó e gravata que parece abominar, forçando uma adaptação difícil de ser feita — e que não precisa, afinal, ser promovida, a menos que se acredite firmemente na superioridade moral dos valores brancos. Esse é apenas um exemplo, ou

um aspecto melancólico de um grande problema contemporâneo. A aceitação do outro em sua integridade, em sua realidade particular, depende da madureza e do equilíbrio do mais “forte”, isto é, do mais influente, do mais avançado nas seduções da tecnologia. Nossa cultura ignora essas sutilezas, e ainda está às voltas com problemas mais elementares, como o das guerras e dos preconceitos. Não temos, os civilizados, autoridade para ensinar nada a ninguém, e temos muito de aprender; até mesmo a humildade necessária à constatação concreta disso é uma conquista a ser compreendida.

Não há nenhum motivo de orgulho por sermos quem somos, em comparação com os índios. Nosso fascínio pelos gadgets que a técnica vai lançando no mercado é o mesmo dos silvícolas em face dos espelhos e dos colares de pedras coloridas. Não somos enamorados das futilidades por mero acaso: nascemos outro dia, e nosso espírito ainda é como o das crianças. Ora, os índios são também encantados pelas pequenas e misteriosas jóias do progresso, e estão nisso atrás de nós apenas alguns minutos, em termos de tempo relativo na escala da evolução técnica. Nossa vaidade é descabida, e só a compreendemos como coisa natural em “selvagens”. Ainda assim, ela pode ser prejudicial ao entendimento das nossas próprias limitações, necessário para que aqueles limites não sejam tão estreitos.

Não é só o encantamento branco pelas “engenhocas” que mostra nossa irmandade com os índios. Temos em comum também o maniqueísmo ingênuo que divide a vida entre bons e maus, bonitos e feios, certos e errados. O real está acima dessa simplificação primitiva, mas é preciso participar da humanidade, no melhor sentido da palavra, para entender esse fato. Os indianistas querem geralmente transformar os índios em cópias dos brancos que os arrancaram de sua autenticidade, e procuram agora inculcar-lhes sua visão do mundo, seus valores, seus ideais. Quando uma opinião como a de Orlando Villas Boas ilumina a questão, o espanto e o protesto podem surgir nas vozes dos grandes condicionados que sempre infestaram o assunto no Brasil. Os livros de antropologia e a realidade caminham às vezes em sentidos diferentes, com frequência perturbadora. A Samoa que Margareth Mead viu talvez nunca tenha existido, embora ela a tenha visto de fato. A argumentação dos repetidores de lugares-comuns do indianismo passa inteira para os que se dizem, se fazem ou parecem embaixadores dos índios: autodeterminação com critérios brancos, eleição de caciques nos moldes da democracia clássica branca, existência de parlamentares índios em Brasília — um ersatz de liberdade e preservação de minoria perseguida, só aparência para aplacar a má consciência civilizada, ou pura promoção política com vistas a certo quociente eleitoral partidário.

Porque a política não é coisa exageradamente séria no Brasil, toda mistura da questão indígena com representação popular será fatalmente enganadora. Os “verdes” e integracionistas da classe média, no Brasil ou em qualquer parte, com preocupações intelectualizadas sobre os direitos dos índios, estão fadados a jogar um xadrez imaginário com os fatos, salvando o que não pode ser salvo, ajudando a destruir o que ainda não foi tocado, e acreditando na miragem para ignorar completamente a realidade do mundo em que vivem.